

RADIOGRAFIA DOS CLUBES DE FUTEBOL DO BRASIL: ASPECTOS FINANCEIROS E ADMINISTRATIVOS

RADIOGRAFIA DE CLUBES DE FÚTBOL BRASILEÑOS: ASPECTOS FINANCIEROS Y ADMINISTRATIVOS

RADIOGRAPHY OF BRAZILIAN FOOTBALL CLUBS: FINANCIAL AND ADMINISTRATIVE ASPECTS

Wagner Barbosa Matias *
wagner.matias@outlook.com

Fernando Mascarenhas **
fernandom@unb.br

* Secretaria de Educação do Distrito Federal e da Secretaria Especial do Esporte/Ministério da Cidadania

**Universidade de Brasília, Brasília, Brasil

Resumo Resumen Abstract

O estudo analisa os aspectos organizacionais, financeiros e a gestão, no que se refere a estrutura política e transparência, dos clubes de futebol do Brasil. Para tanto foi feito um levantamento de informações nos portais eletrônicos dos clubes, em sites especializados em finanças do futebol e em jornais e revistas de circulação nacional. Observou-se que o modelo organizacional presente é o associativista diferentemente do que ocorre nas principais ligas. Além disso, evidenciou-se um crescimento das receitas, com concentração em poucos clubes, com centralidade nas parcerias com as emissoras de TV, com a manutenção de déficits e endividamento mesmo com o PROFUT. Por fim, nota-se uma forte presença de mecanismos indiretos no processo eleitoral dos clubes, com alternância de dirigentes e com um percentual elevado de equipes que não apresentam os dados financeiros e os estatutos em seus sites.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Clubes; PROFUT.

El estudio analiza los aspectos organizativos, financieros y de gestión, en relación con la estructura política y la transparencia, de los clubes de fútbol brasileños. Con este fin, se recopiló información en los portales electrónicos del club, en los sitios web de finanzas de fútbol y en periódicos y revistas nacionales. Se observó que el modelo organizacional actual es el asociativista a diferencia de lo que sucede en las ligas principales. Además, hubo un aumento en los ingresos, con una concentración en unos pocos clubes, con un enfoque en asociaciones con estaciones de televisión, manteniendo déficits y deudas incluso con PROFUT. Finalmente, existe una fuerte presencia de mecanismos indirectos en el proceso electoral de los clubes, con alternancia de oficiales y un alto porcentaje de equipos que no presentan los datos financieros y los estatutos en sus sitios web.

PALABRAS CLAVE: Fútbol; Clubes; PROFUT.

The study analyzes the organizational, financial and management aspects, regarding the political

structure and transparency, of the Brazilian soccer clubs. To this end, information was collected on the club's electronic portals, on football finance websites and in national newspapers and magazines. It was observed that the present organizational model is the associativist, unlike what happens in the main leagues. In addition, there was an increase in revenues, with a concentration on a few clubs, with a focus on partnerships with TV stations, maintaining deficits and debt even with PROFUT. Finally, there is a strong presence of indirect mechanisms in the electoral process of clubs, with alternation of officers and a high percentage of teams that do not present the financial data and the bylaws on their websites.

KEYWORDS: soccer; clubs; PROFUT.

1. Introdução

O clube de futebol é o lócus que congrega toda a paixão de um grupo de pessoas por esse esporte, sendo o representante desse conjunto de sujeitos coletivos nas competições promovidas pela associação que está vinculado ou mesmo nos eventos organizados pelas próprias agremiações.

Além disso, o clube é a "fábrica" de novos futebolistas, profissionais responsáveis pela realização dos espetáculos nos gramados. Ali são formados e preparados desde pequenos para "bailar" e seguir os regulamentos impostos de "cima para baixo", estimulando os mais diversos sentimentos nos espectadores.

De acordo com dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em 2017 o Brasil possuía 722 clubes em condições de disputar alguma competição profissional¹. Na Grã Bretanha há o maior número de equipes de futebol profissional e semiprofissional do mundo, cerca de 40 mil. Porém, apenas as quatro primeiras ligas (divisões) possuem clubes inteiramente profissionais, o que se refere a 92 equipes (ou seja, a cada 570 mil pessoas uma equipe), os demais são clubes menores semiprofissionais, que disputam competições regionais, mas que podem ascender as divisões superiores, inclusive a Premier League².

Na Alemanha são três divisões com clubes profissionais, ao todo são 73 equipes. Os outros que compõem um universo de quase 3.400 equipes estão espalhados em outras quatro divisões

¹ Informação disponível em: <https://rodrigomattos.blogosfera.uol.com.br/2018/01/22/futebol-brasileiro-tem-desaparecimento-de-44-clubes-em-2017/>. Acesso em: 06 jul. 2018.

² Informação disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/a-inglesa-e-o-verdadeiro-pais-do-futebol/>. Acesso em: 06 jul. 2018.

regionais³. Na Espanha são 3.200 clubes espalhados em sete divisões, porém, apenas a La Liga e a Liga 123 são formadas por equipes inteiramente profissionais, ao todo são 42 clubes⁴.

A maioria desses clubes dessas ligas funcionam como empresas ou adotam o modelo empresarial, com processos racionais na administração, com uma burocracia própria que, além de resultados esportivos, títulos e recordes, também precisam ter superávits para sobreviver nas competições e na concorrência mercantil, própria do modo de produção capitalista (MATIAS, 2018). Obviamente que isso ainda não está materialmente unificado, porém, a gestão, sem dúvida, é cada vez mais profissional, sobretudo, daqueles que possuem destaque nas principais competições de seus países e de seu continente.

Porém, conforme sinaliza Silva et al (2009) e Andrade e Ramos (2015) são poucos os estudos que buscam analisar os aspectos organizacionais, especialmente políticos e econômicos dos clubes de futebol do Brasil.

Assim, questionamos: Qual é a situação financeira? Como é feita a gestão? Diante dessas questões este estudo busca apresentar uma radiografia da situação dos clubes de futebol do Brasil, especialmente aqueles da elite nacional (série A e B do campeonato brasileiro), analisando os aspectos organizacionais, financeiros e a gestão- especificamente a estrutura política.

2.Método

Trata-se de uma pesquisa social de cunho exploratório realizada a partir da análise dos dados coletados nos sites dos clubes de futebol da série A e B do futebol brasileiro entre 2012 e 2017, de informações disponíveis por consultorias, como BDO e Pluri Consultoria, bem como por meio de levantamentos da Revista Época e do banco Itaú.

A coleta dos dados após definição dos clubes participantes da amostra foi realizada entre julho a dezembro de 2018 e ocorreu com muita dificuldade, tendo em vista os poucos documentos disponíveis nos portais eletrônicos das entidades e a presença de informações truncadas. A partir disso passamos a consultar também fontes indiretas (documentos de consultorias, revistas e jornais de grande circulação nacional).

³ Informação disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-futebol-na-alemanha-da-primeira-%C3%A0-quarta-divis%C3%A3o/a-2294364-2>. Acesso em: 06 jul. 2018.

⁴ Informação disponível em: <http://www.lance.com.br/futebol-nacional/brasil-perde-numero-clubes-dos-registrados-cbf-joga-pouco.html>. Acesso em: 06 jul. 2018.

Os dados foram organizados em planilhas do Excel, sendo os aspectos financeiros analisados a partir daquilo que é citado por Boschetti (2009) e a gestão a partir do estudo de Martins e Reis (2017).

O texto além desta introdução apresenta as características das finanças dos clubes e, por fim, a estrutura política e aspectos relacionados a transparência das equipes da elite do futebol nacional.

3. Resultados e discussão

3.1 Aspectos financeiros dos clubes brasileiros

Neste texto vamos utilizar os dados publicados pelo banco Itaú e pela BDO consultoria. Ressalta-se que inicialmente procuramos nos sítios eletrônicos dos 29 clubes que passaram ou estão na série A do futebol brasileiro de 2014 a 2018, entretanto, pela ausência de informações públicas, pelo pouco detalhamento daqueles balanços disponíveis e também pelo trabalho já consolidado de algumas empresas de consultorias, caso da BDO⁵, bem como pela Revista Época em sua seção sobre futebol⁶ e pela equipe técnica do banco Itaú⁷ decidimos por usar as informações já consolidadas.

Sem dúvida, a análise mais consistente é a realizada pelo banco Itaú, inclusive, com comparativo com os clubes europeus. O banco publicou relatório do período de 2009 a 2016 com dados e análises de 27 clubes, sendo 18 da série A de 2018, as exceções são o Ceará e o Paraná. Além disso, constam Santa Cruz, Goiás, Ponte Preta, Coritiba, Figueirense, Joinville, Criciúma e Avaí que estiveram nos últimos cinco anos na primeira divisão e o Náutico que teve em 2013 a sua última participação na série A, atualmente todos estão na segunda divisão.

Como o relatório do banco Itaú não apresenta informações sobre o ano de 2017 vamos utilizar os dados das demonstrações financeiras dos 27 clubes coletadas junto à BDO consultoria e sítios eletrônicos das equipes. Registra-se que todos os valores foram atualizados pelo IGP-DI no dia 31 de abril de 2018 e o intervalo de análise será o mesmo utilizado para a CBF e federações, ou seja, 2012 a 2017, pois, foi a partir desse período que a entidade que comanda o futebol no país disponibilizou os seus relatórios em seu site.

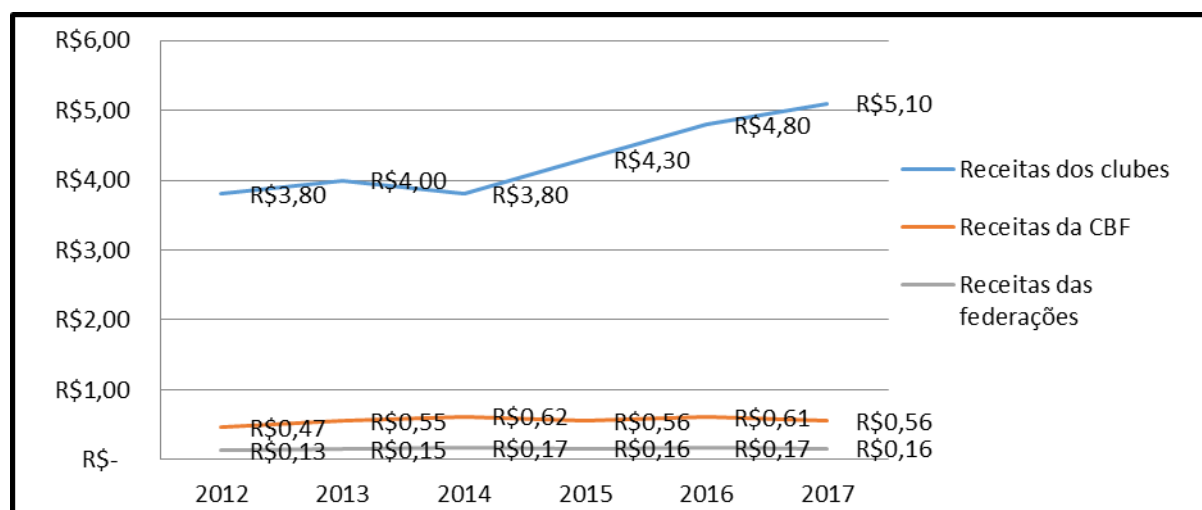
⁵ Para consulta dos relatórios da BDO visitar o site: <https://www.bdo.com.br/pt-br/bdo-brazil>. O procedimento foi realizado em: 08 jul. /2018.

⁶ A série de reportagens da revista Época pode ser lida em: <https://epoca.globo.com/esporte/epoca-esporte-clubes/noticia/2018/05/financas-do-futebol-pioram-em-2017-clubes-brasileiros-faturam-menos-e-devem-mais.html>. Acesso em 08 jul. 2018.

⁷ Para ter acesso ao relatório do banco Itaú basta acessar: <https://www.itaubba.com.br/itau-bba-divulga-analise-economica-financeira-dos-clubes-de-futebol-brasileiros-2017>. Acesso em: 08 jul. 2018.

Assim, para o período de tempo citado os clubes arrecadaram aproximadamente R\$ 25,2 bilhões, o que representa 85% de toda a movimentação financeira do futebol brasileiro. Registra-se que estamos trabalhando com receitas totais, isso significa que os valores angariados com a venda de jogadores estão inclusos.

Gráfico 1: Arrecadação de 27 clubes de futebol, da CBF e das federações entre 2012 e 2017 em R\$, bilhões



Fonte: <https://www.italu.com.br/itaubba-pt/noticias/italu-bba-divulga-analise-economico-financeira-dos-clubes-de-futebol-brasileiros-2017>; <https://www.bdo.com.br/pt-br/bdo-brazil>; site dos clubes, da CBF e das federações. Elaboração dos autores (2019).

As receitas dos clubes brasileiros mesmo com o país em situação de crise econômica, baixo crescimento do PIB e aumento da inflação, mantiveram-se em um contínuo crescimento, com exceção de 2014. Em 10 anos, as receitas dos clubes cresceram quase R\$ 4 bilhões, sendo que o aumento de 2017 em relação a 2016 foi de 5,9%.

Em relação à CBF e as federações observa-se que enquanto as entidades de administração estagnaram a sua arrecadação, com oscilações ora para baixo e ora para cima, a arrecadação dos clubes desde 2008 só cresce, com uma pequena queda em 2014, porém, com um patamar semelhante à arrecadação de 2012. O aumento de 2017 é superior ao PIB do Brasil que fechou em 1% e a inflação oficial de 2,9%.

Os aspectos que ajudam a entender isso são os contratos de comercialização dos direitos de transmissão, sobretudo, com a Rede Globo, que são extensos, o último foi renovado em 2016 com a TV fechada para o período de 2019 a 2022, o que garantiu inclusive quase R\$ 1 milhão em luvas somente nesse ano⁸ e a recorrente venda de atletas.

⁸ Informação disponível em: <https://www.italu.com.br/itaubba-pt/noticias/italu-bba-divulga-analise-economico-financeira-dos-clubes-de-futebol-brasileiros-2017>. Acesso em: 09 jul. 2018

O levantamento realizado pelo banco Itaú, aquele realizado pela BDO e complementado pelo levantamento de dados dos sítios eletrônicos dos clubes demonstram que de 2012 a 2017 os cinco clubes que mais arrecadaram corresponderam por 44% de todo o montante, do 6º ao 10º foi 28%, o 11º ao 15º apenas 16% e os demais 12%.

Tabela 1: Concentração da arrecadação dos clubes do futebol brasileiro no período de 2010 a 2016, em %.

Clubes	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Média
Grupo 1	47%	48%	44%	44%	40%	42%	43%	44%
Flamengo								
São Paulo								
Corinthians								
Palmeiras								
Cruzeiro								
Grupo 2	29%	28%	28%	28%	29%	29%	26%	28%
Grêmio								
Atlético MG								
Santos								
Inter								
Vasco								
Grupo 3	15%	14%	16%	17%	17%	16%	17%	16%
Fluminense								
Botafogo								
Atlético PR								
Coritiba								
Sport								
Grupo 4	9%	10%	12%	12%	14%	13%	14%	12%
Goiás								
Bahia								
Vitória								
Figueirense								
Chapecoense								
América MG								
Santa Cruz								
Náutico								
Ponte Preta								
Joinville								
Criciúma								
Avai								

Fonte: <https://www.itaubba.com.br/itaubba-pt/noticias/itau-bba-divulga-analise-economica-financeira-dos-clubes-de-futebol-brasileiros-2017>. Elaboração dos autores (2019).

Observa-se que o Grupo 1 conseguiu ao longo dos sete anos manter o percentual da arrecadação acima dos 40% e quando houve diminuição foi distribuído de forma equânime entre os grupos 3 e 4. A diferença entre o grupo 1 e 2 em 2010 era de 18%, em 2016 foi de 17%, para o grupo 3 a diferença caiu de 32% para 26%, porém, ainda muito elevada e para o

grupo 4 saiu de 38% para 32%. Na média do período a diferença é de 16% do grupo 1 para o 2, de 28% para o 3º e de 32% para o 4º. Registra-se que apenas os grupos 3 e 4 conseguiram crescer nos últimos anos em relação a 2010 e 2011 e o percentual de arrecadação do grupo 1 e 2 tiveram uma pequena queda.

Vale ressaltar que de 2012 a 2017 a diferença de receita entre Flamengo (R\$ 2,1 bilhões), São Paulo (R\$ 2 bilhões), Palmeiras (R\$1,8 bilhão) e Corinthians (R\$ 1,8 bilhão) é pequena, porém, a partir do Cruzeiro (R\$1,3 bilhão) esse fosso começa a aumentar: no caso do time mineiro para o Flamengo a diferença foi de R\$ 800 mil. A relação com o Vasco (R\$ 1 bilhão), clube com a menor arrecadação do grupo 2, a diferença neste período chega a R\$ 1,1 bilhão.

Essa diferença na arrecadação reflete na conquista de títulos? De certa forma sim, pois, os 10 clubes que mais arrecadam somam 72% de toda a receita e, se somarmos com o percentual do Fluminense e do Botafogo, isso chega a 80%. Portanto, 12 clubes concentram 80% de tudo que é movimentado pelas agremiações do futebol brasileiro e todos os títulos nacionais e internacionais do país (exceção a Chapecoense em 2016 com a Sul-Americana) entre 2012 a 2017 foram conquistados por esses 12 clubes.

Observa-se que nas duas principais competições do futebol nacional, campeonato brasileiro série A e Copa do Brasil, nesse período em análise, todos os clubes do grupo 1 – com exceção do São Paulo e dois clubes do grupo 2 – conquistaram pelo menos um título. Além deles o Fluminense do grupo 3 ganhou uma vez o campeonato brasileiro da primeira divisão. Não há uma hegemonia de um clube, mas os títulos das competições nacionais estão centralizados no grupo 1. Em 6 disputas do campeonato nacional 5 títulos foram do grupo 1 (2 do Corinthians, 2 do Cruzeiro e 1 do Palmeiras), e 1 do Grupo 3 (Fluminense).

Já da Copa do Brasil foram 4 títulos do grupo 1 (2 do Palmeiras, 1 do Cruzeiro e 1 do Flamengo) e 2 do grupo 2 (1 do Grêmio e 1 do Atlético MG). Além disso, as conquistas do Grêmio (R\$ 1,3 bilhão) e do Atlético MG (R\$1,2 bilhão) também possuem relação com a arrecadação dos clubes do grupo 1, pois, está próxima àquela conseguida pelo Cruzeiro. Apenas o Fluminense destoa dos demais clubes e dificilmente em curto espaço de tempo conseguirá repetir tal feito.

No contexto sul-americano o cenário não é diferente, pois, foram 3 conquistas da Taça Libertadores no período, sendo 1 do grupo 1 (Corinthians) e 2 vezes do grupo 2 (Atlético MG e Grêmio). No que se refere à Sul-Americana, o grupo 1 conquistou com o São Paulo e o grupo 4 também obteve um título com a Chapecoense.

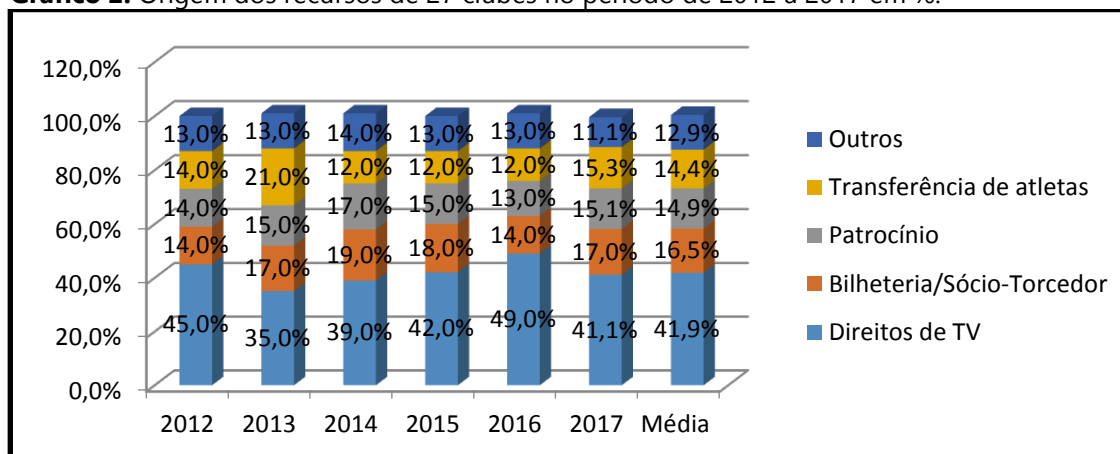
Observa-se, portanto, que todos os clubes do grupo 1 teve uma conquista nesse período, porém, no grupo 2 apenas o Grêmio e o Atlético MG. De outros grupos apenas o Fluminense e a Chapecoense obtiveram alguma conquista⁹. Ou seja, a possibilidade que um clube do grupo 3 e 4 vencer uma competição nacional é remota. De outro modo, ainda de forma subordinada é possível que o grupo 2 incomode os cinco clubes do primeiro grupo.

Mas qual é a origem dos recursos dos clubes? O tópico seguinte busca responder a este questionamento, apresentando as diferentes fontes de receitas das equipes do futebol brasileiro.

3.2 Fontes

Para responder à questão anterior, é importante registrar que diferentemente da CBF que consegue parte significativa dos seus recursos com patrocínio (66%), os clubes conseguem menos de $\frac{1}{4}$ disso, sendo diretamente dependentes dos contratos com as emissoras de televisão.

Gráfico 2: Origem dos recursos de 27 clubes no período de 2012 a 2017 em %.



Fonte: <https://www.itaubba.com.br/itaubba-pt/noticias/itau-bba-divulga-analise-economico-financeira-dos-clubes-de-futebol-brasileiros-2017>; <https://www.bdo.com.br/pt-br/bdo-brazil>; site dos clubes. Elaboração dos autores (2019).

Portanto, a comercialização dos direitos de transmissão é disparada a principal fonte dos recursos dos clubes. Em 2016, devido às luvas do novo contrato da TV fechada com a Rede Globo e o Esporte Interativo chegou a quase 50% da arrecadação, percentual superior ao de 2012 quando ocorreu o mesmo. Isso explica porque a Rede Globo, emissora que controla há

⁹ Diante do acidente aéreo envolvendo os jogadores e comissão técnica que estavam indo para a Colômbia disputar a última partida da final a COMEBOL declarou o clube brasileiro campeão da competição.

30 anos as transmissões do futebol no Brasil interfere no calendário, nos dias e horários das partidas.

Os clubes do grupo 1 respondem por 35,3% de toda a receita com TV, sendo que Flamengo e Corinthians juntos alcançam a metade disso. O grupo 2 representa 27,8%, com Fluminense e Botafogo o percentual dos 12 clubes chega a 70% de toda a receita com TV. Registra-se que todos eles estão localizados na região sul e sudeste, especificamente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Entre os 12 clubes, o Atlético MG é o que mais depende da TV. No período em análise a arrecadação da agremiação com TV representou 49,9%, na sequência está outro clube mineiro, o Cruzeiro com 42,4%.

As demais fontes representam individualmente montantes e percentuais semelhantes para as contas dos clubes. A variação, na média, é de apenas 3,6%, de 12,9% a 16,5%. Este último percentual representa a segunda principal fonte de recursos dos clubes, bilheteria/sócio-torcedor, com predomínio nos últimos três anos das receitas de sócio-torcedor (52%) sobre a bilheteria (48%).

Outra fonte de recurso para os clubes é o patrocínio e a publicidade. Por meio desse mecanismo eles obtiveram 15% de suas receitas no período de 2012 a 2017, cerca de R\$ 3 bilhões, obviamente que algumas equipes como Palmeiras e o Flamengo conseguiram superar esse percentual. O primeiro é o que mais arrecada com patrocínio, sendo que, de 2012 a 2017, a receita com essa fonte representou 22,3%, inferior apenas à venda dos direitos de transmissão (33,8%). Logo na sequência está o Flamengo que conseguiu 20,5% com essa fonte, superada também pelos recursos da televisão que totalizaram 39,5%.

Nesse campo é importante mencionar a forte presença estatal como patrocinador máster de grandes e pequenas equipes do futebol nacional. Refere-se especificamente acerca da presença da Caixa Econômica Federal que desde 2012 iniciou o movimento de estampar sua marca nos uniformes de diversos clubes do país e também em patrocinar campeonatos estaduais, campeonato brasileiro da série B e C e torneios de futebol feminino, tornando, em pouco tempo, o principal patrocinador do futebol nacional.

A Caixa justifica a sua atuação no futebol como parte de uma estratégia para atrair novos clientes para os produtos que o banco oferta no mercado. “[...] o patrocínio ao futebol está atrelado ao objetivo de ‘ser o principal banco de relacionamento da Nova Classe Média’”. Entretanto, a CGU manifestou preocupação com os investimentos realizados pelo banco “sem a

devida clareza e transparência de objetivos aliada à ausência de mecanismos para medir o retorno financeiro com o seu patrocínio a clubes¹⁰.

Seja como for, sem dúvida, a Caixa foi a principal patrocinadora dos clubes do país nos últimos anos. No período de 2012 a 2017 foram 32 agremiações que tiveram o apoio, sendo equipes da primeira e segunda divisão do futebol nacional de todas as regiões do país. Nesse intervalo de tempo, o banco aplicou nas agremiações R\$ 537 milhões, sendo que 44,1% em apenas Corinthians (R\$ 121 milhões) e Flamengo (R\$ 116 milhões), o que revela uma concentração de recursos nas equipes com as maiores torcidas¹¹.

Entre os 27 clubes dos quais o banco Itaú analisou os balanços financeiros 23 recebiam recursos da Caixa e somam R\$ 505 milhões. Isso significa que o banco foi responsável por 17% de todo o recurso movimentado com patrocínio no período de 2012 a 2017. O percentual de dinheiro público aumenta para 22% quando acrescenta as receitas destinadas pelo Banrisul ao Inter e ao Grêmio.

Destaca-se que Palmeiras, Corinthians e Flamengo são os clubes que mais conseguem receitas com marketing no país. Em 2015 os três fagocitaram 41% de todas as receitas, em 2016 foram 43% e, em 2017 o índice subiu para 47%, sendo que neste ano a arrecadação do Palmeiras com isso ficou em 27%, o Corinthians obteve 24% da sua receita com patrocínio e publicidade e o Flamengo, 21%. No caso do Palmeiras o mais incrível é que o percentual é o mesmo com a comercialização dos direitos de transmissão (27%) e inferior apenas com bilheteria e sócio-torcedor nesse ano (31%).

Os clubes com as maiores torcidas são aqueles que conseguem mais recursos com patrocínio e publicidade, porém, ao dividir o valor recebido pelo número de torcedores observa-se que aqueles com as maiores torcidas estão entre os que menos receberam per capita. Enquanto o Palmeiras consegue R\$ 9 reais por torcedor dos seus parceiros, Corinthians obtém apenas R\$ 2,62 e o Flamengo R\$ 2,00. O valor recebido por esses dois últimos é inferior a clubes com menos expressão nacional como Bahia (R\$ 2,64), Vitória (R\$ 3,37) e Sport (R\$ 3,98), por exemplo.

No caso do Palmeiras vale comentar que as receitas de marketing foram fundamentais para modificar o status da equipe, pois, se em 2014 a equipe brigava para não ser rebaixada, em 2015 conquistou o título da Copa do Brasil, justamente no ano em que a Crefisa começou a injetar dinheiro no clube, em 2016 o título do campeonato brasileiro.

¹⁰ A nota da Caixa e da Controladoria Geral da União podem ser ligas em: http://www.espn.com.br/noticia/587066_cgu-patrocínio-da-caixa-a-clubes-nao-tem-a-devida-clareza-e-transparencia. Acesso em: 09 jul. 2018.

¹¹ Os dados da Caixa Econômica Federal foram obtidos por meio da Lei de Acesso a Informação.

Cabe sinalizar que a parceria também está sendo lucrativa para a Crefisa que conseguiu ampliar o lucro líquido nos últimos três anos, período da parceria com o Palmeiras, em relação aos anos anteriores. A maior visibilidade da instituição que empresta dinheiro com juros elevados para quem não tem crédito “na praça” elevou em mais de R\$ 250 milhões o lucro em 2015 quando começou a parceria em relação a 2014, conseguindo R\$ 1 bilhão de lucro líquido, figurando entre os 10 maiores bancos e instituições financeiras que atuam no país.

Outra fonte inesgotável de recursos para os clubes brasileiros é a comercialização de jogadores de futebol (empréstimos e vendas), seja para o mercado interno, mas, especialmente, para o mercado externo. O Brasil é o maior produtor dessa matéria prima para os clubes de todo o globo.

Entre 2010 a 2017 a “fábrica” do São Paulo faturou quase meio bilhão de reais com a venda de atletas, na sequência estão Corinthians, com aproximadamente R\$ 415 milhões, o Inter com R\$ 345 milhões, o Santos com cerca de R\$ 300 milhões e o Cruzeiro fecha o grupo dos 5 com R\$ 230 milhões¹².

Em diversos momentos o aumento na venda de jogadores é vista pelos clubes como algo positivo e digno de comemoração, todavia, é de fato motivo de lamentação, uma vez que, significa que aqueles que possuem a capacidade de produzir os melhores espetáculos vão fazer isso fora do país. Além disso, a venda é feita para “pagar salários e fechar buracos de caixa, eventualmente reforçando elenco com atletas de desempenho incerto”¹³.

Por fim, além de arrecadar recursos com a comercialização dos direitos de transmissão, bilheteria/Sócio-torcedor, patrocínios e comercialização de atletas, os clubes também possuem outras fontes de receitas que somam 12,9%, como: cessão da exploração dos estádios e arenas para grupos de investimento, arrecadação com as partes sociais dos clubes, premiações e, também, recursos das loterias, como loteca, lotegol e Timemania.

Dentre todos esses itens destacamos a Timemania que entre as loterias é aquela que repassa um maior volume de recursos para os clubes. Ela foi criada com a finalidade de gerar receitas e contribuir para que as equipes pudessem diminuir os débitos com a União (SILVA, 2013).

A Timemania – de 2008, quando começou a funcionar, até dezembro de 2017 – arrecadou R\$ 2,5 bilhões, sendo que 22% disso foram repassados para os clubes que aderiram ao programa

¹² Informação disponível em: <https://www.bdo.com.br/pt-br/publicacoes/noticias-em-destaque/10%C2%BA-valor-das-marcas-dos-clubes-brasileiros>. Acesso em: 18 ago. 2018.

¹³ Informação disponível em: <https://www.italu.com.br/itaubba-pt/noticias/italu-bba-divulga-analise-economico-financeira-dos-clubes-de-futebol-brasileiros-2017>. Acesso em: 09 jul. 2018.

de refinanciamento das dívidas com o Estado. Assim, as agremiações receberam cerca de R\$ 555 milhões. O Flamengo e o Corinthians lideram o *ranking* em todos os anos e obtiveram mais recursos. Eles representam, respectivamente, 5,8% (R\$ 69,6 milhões) e 4,8% (R\$ 58,2 milhões) de toda a receita com a Timemania¹⁴.

Entretanto, a arrecadação da Timemania está bem abaixo da expectativa do governo que esperava arrecadar cerca de R\$ 500 milhões e, na média, consegue apenas a metade disso. O máximo que já obteve foi de R\$ 475 milhões em 2017.

Além disso, o endividamento dos clubes não diminuiu ao longo dos anos, seja com o governo ou com agentes do setor privado, bancos, instituições financeiras, pessoas jurídicas e físicas. No caso governamental, apenas para citar um exemplo para confirmar isso, em 2012 os débitos dos clubes somavam R\$ 3,8 bilhões e em 2017 estava em R\$ 6,9 bilhões¹⁵.

Ao longo dos anos, os repasses da Timemania para os clubes representaram cerca de 0,4% de toda a arrecadação deles, um percentual pequeno, porém, é 18% de toda a receita que é obtida na categoria "outras" pelos clubes em análise, ou seja, quase 1/5.

Ainda dentro da categoria "outras" uma receita cada vez mais importante para os clubes globais e que começa a ter um peso significativo no Brasil são as parcerias com grandes empresas para administrar os estádios de futebol. No Brasil o caso de maior repercussão e sucesso é o do Palmeiras com WTorre. O estádio foi construído com financiamento da empresa que vai administrá-lo até 2049. No contrato o clube possui todo o dinheiro arrecadado com bilheteria dos jogos, porém, precisa pagar a taxa de manutenção nos dias de jogos que pode chegar a R\$ 300 mil. No período de 2014 a 2017 o Allianz Parque rendeu para a empresa R\$ 146 milhões, o clube ficou aproximadamente com R\$ 12 milhões, isso sem a receita de ingressos, apenas com o percentual sobre aluguel do estádio, os camarotes, os *shows* etc. A bilheteria rendeu mais R\$ 122 milhões ao clube¹⁶.

Por fim, acredita-se que a tendência para os próximos anos é de os clubes continuarem tendo dependência dos recursos dos direitos de transmissão, uma realidade que é do futebol global,

¹⁴ Os dados sobre a Timemania podem ser encontrados em:

<http://www20.caixa.gov.br/Lists/News/DispForm.aspx?ID=5887&ContentTypeId=0x010025A2FACA7E6B46F2A76A26CEB39985D4006ED0B85A680DCB46904AF184D51AB990>. Acesso em: 12 jul. 2018.

¹⁵ Vamos retomar mais adiante à discussão sobre o endividamento dos clubes. Os dados constam no relatório do banco Itaú que está disponível em: <https://www.itaubba-pt/noticias/itau-bba-divulga-analise-economica-financeira-dos-clubes-de-futebol-brasileiros-2017>. Acesso em: 09 jul. 2018.

¹⁶ Os detalhes do contrato do Palmeiras com a empresa e os dados financeiros estão disponíveis em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/01/1954013-em-briga-por-estadio-palmeiras-e-wtorre-dividem-lucro-de-r-280-mi.shtml>. Acesso em: 12 jul. 2018.

com exceção dos grandes clubes que conseguem obter recursos junto aos grupos de investimentos. No caso brasileiro isso deve permanecer, tendo em vista que o mercado futebolístico é pouco atrativo para o capital externo, sobretudo, porque se caracteriza pela venda dos melhores atletas e também com dificuldades econômicas, que impossibilita as camadas inferiores pagar por preços elevados de ingressos e pelos programas de sócio-torcedor.

Diante dessa exposição sobre as fontes de financiamento dos clubes e a observação de que nos últimos anos, especialmente a partir de 2014, houve um contínuo aumento das receitas questionamos: o aumento da arrecadação foi seguido da ampliação dos gastos? O crescimento das receitas significa superávit? Vejamos isto no próximo tópico.

3.3 Superávits, déficits e endividamento dos clubes de futebol do Brasil

Inicialmente é importante sinalizar que de 2012 a 2017 os clubes gastaram em média 68,8% com o departamento de futebol profissional, sendo que esse percentual diminuiu de 78% em 2014 para 69% em 2015 e para 58% em 2016, porém, em 2017 voltou a crescer e fechou o ano em 71%. O resultado de 2015, mas principalmente o de 2016, é atípico influenciado pelo aumento das receitas com a TV.

Ressalta-se que as outras despesas dos clubes incluem os gastos com as categorias de base, cerca de 5%, com aquisição de atletas em torno de 13% e as despesas financeiras e tributárias que somam 11%. Os percentuais são referentes ao ano de 2017, porém, desde 2012 são pequenas as variações.

Ainda sobre 2017, o menor gasto com o departamento de futebol profissional foi do Flamengo com apenas 54%, seguido do Cruzeiro com 63%, por outro lado, o Inter gastou 87% seguido pelo Palmeiras, com 81%. O interessante é que mesmo com aumento dos gastos esses dois clubes não conseguiram títulos nesse ano. Destaca-se que os valores despendidos pelo Flamengo e Cruzeiro refletiram em superávit em 2017, por outro lado o Inter terminou mais um ano no vermelho.

Nos últimos dez anos apenas em 2012, 2015, 2016 e 2017 o conjunto dos 27 clubes fecharam com superávit, uma realidade bem diferente da realidade recente das contas públicas do país, que nos últimos quatro anos foram de déficits. As agremiações futebolísticas em 2012 tiveram um superávit de R\$ 10 milhões, em 2015 foram R\$ 120 milhões, em 2016 aproximadamente R\$ 436 milhões e, em 2017, foram R\$ 22 milhões¹⁷. Os valores de 2012 e 2016 foram diretamente

¹⁷ Informação disponível em: <https://www.bdo.com.br/pt-br/bdo-brazil>. Acesso em: 12 jul. 2018.

influenciados pelo recebimento das luvas da TV fechada e em 2015 pela renegociação das dívidas com a lei 13.155/2015- Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro- PROFUT.

Além disso, é importante destacar que, tanto o “caixa” do Flamengo quanto do Palmeiras também tiveram uma influência direta no bom resultado do conjunto dos clubes. Os analistas do banco Itaú consideram que os dois clubes estão em outro patamar no futebol brasileiro, pois, nos últimos três anos a dupla comanda as finanças e representam perto de 20% das receitas do futebol nacional e, principalmente, são responsáveis por mais de 1/3 da geração de caixa total dos clubes brasileiros¹⁸.

Apenas os dois clubes e o Vasco conseguiram concluir no intervalo de 2012 a 2017 com superávit, porém, as informações disponibilizadas por esse último não são transparentes, inclusive os relatórios de gestão não estão disponíveis em seu site. Não é possível afirmar com segurança qual é o montante arrecadado e de fato o que foi gasto. Além disso, os débitos com empréstimos bancários subiram nos últimos anos, o que evidencia a utilização desses recursos para controlar as contas do clube.

Na tabela abaixo apresentamos um resumo da situação dos doze clubes que mais arrecadam no país e hegemonizaram as conquistas nacionais e internacionais, como representantes do Brasil, nos últimos anos.

Tabela 2: Superávit x déficit dos clubes que possuem as maiores arrecadações do país, em milhões de R\$.

Clubes	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Acumulado
Flamengo	-60,4	-19,5	64,3	130,4	153,4	159,1	427,3
São Paulo	0,8	23,5	-100,1	-72,5	0,8	15,1	-132,4
Corinthians	7,5	1	-97,0	-97,1	31,0	-35,1	-189,7
Palmeiras	31,8	-22,6	-27,6	10,5	89,5	57,0	138,6
Cruzeiro	-30,9	-22,8	-38,6	-25,7	-29,3	30,5	-10,5
Grêmio	28,1	-56,8	-31,6	-37,5	35,3	2,7	-59,8
Atlético MG	-33,2	-22,5	-48,4	-11,9	2,1	-25,1	-139,0
Inter	11	0,9	-49,1	27,5	-11,0	-62,5	-83,2
Santos	14,6	0,4	-58,9	-78,1	54,1	2,9	-65,0
Vasco	-0,1	-10,3	-13,6	119,8	11,9	-22,9	84,8
Fluminense	-3,3	-3,7	-7,1	8,3	31,8	-79,4	-53,4
Botafogo	-49,2	-80,2	-174,8	-73,9	-9,2	53,3	-334

Fonte: <https://www.bdo.com.br/pt-br/bdo-brazil>. Elaboração dos autores (2019).

¹⁸ Informação disponível em: <http://blogs.lance.com.br/somoggi/financas-dos-clubes-brasileiros-em-2017/> e <https://www.itaubba-pt/noticias/itau-bba-divulga-analise-economico-financeira-dos-clubes-de-futebol-brasileiros-2017>. Acesso em: 18 ago. 2018.

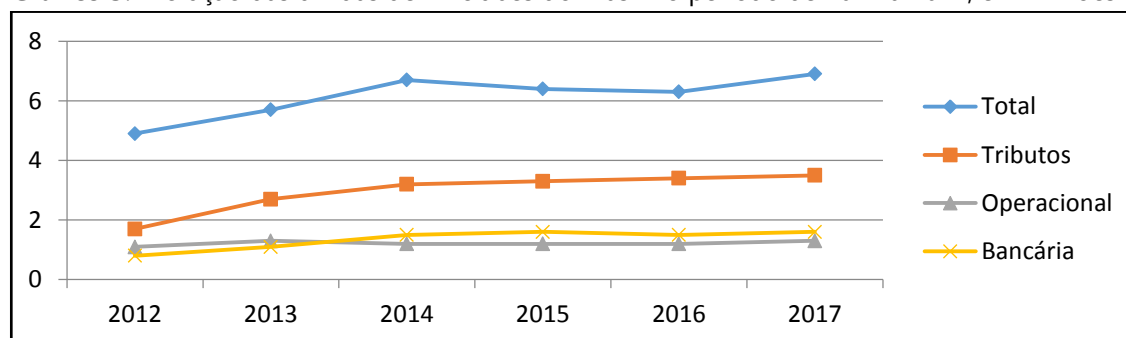
Todos os clubes tiveram pelo menos um ano fechando com déficit, sendo praticamente uma regra para conquistar o campeonato brasileiro, pois, apenas Corinthians (2013) e Palmeiras (2016) conseguiram fugir desta "norma". Nos últimos três anos Flamengo e Palmeiras destacam pela sequência de superávit uma tendência que pode continuar nos próximos anos tendo em vista o aumento das receitas dos dois clubes e a política de controle de gastos, especialmente do Flamengo.

Registra-se que quatro clubes descumpriram a norma do PROFUT e fecharam 2017 com um déficit superior aos 10%: Inter (21,4%), Vitória (53%), Fluminense (27%) e Vasco (10,8%). A APFUT está analisando os balanços dos clubes e pode até excluí-los do programa de refinanciamento implementado pela lei¹⁹.

Nota-se, portanto, com raras exceções, que os superávits ocorrem quando houve algo externo à rotina operacional dos clubes, caso dos anos de renovação dos contratos com a TV e o PROFUT. Nos próximos anos é necessário avaliar se os clubes de fato conseguiram cumprir a determinação dessa lei e reduziram os gastos.

Um dado que demonstra certa reticência com o resultado financeiro dos clubes é que a dívida voltou a crescer em 2017. Depois de dois anos de um (pequeno) recuo, o montante chegou a R\$ 6,9 bilhões, um aumento em relação a 2016 de 8,7%. O crescimento ocorreu justamente nos débitos com o Estado, pois, as despesas operacionais oscilaram levemente para cima e a dívida com o setor bancário, aquela que possui juros maiores, estão estáveis com leve tendência de queda²⁰.

Gráfico 3: Evolução das dívidas de 27 clubes do Brasil no período de 2012 a 2017, em milhões de R\$.



¹⁹ Informação disponível em: <http://www.flamengorj.com.br/noticia/rodrigo-mattos-por-profut-governo-fiscaliza-balancos-ha-clubes-da-serie-a-com-problemas>. Acesso em: 12 jul. 2018.

²⁰ Informação disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/vendas-de-jogadores-impulsionam-e-receitas-de-clubes-atingem-valor-recorde.ghtml> e <https://www.italu.com.br/itaubba-pt/noticias/italu-bba-divulga-analise-economico-financeira-dos-clubes-de-futebol-brasileiros-2017>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Fonte: <https://www.bdo.com.br/pt-br/bdo-brazil> e <https://www.itau.com.br/itaubba-pt/noticias/itau-bba-divulga-analise-economica-financeira-dos-clubes-de-futebol-brasileiros-2017>. Elaboração dos autores (2019).

Nota-se que o endividamento tributário não diminuiu em nenhum ano, só cresceu, por outro lado, os débitos operacionais e bancários oscilaram, entretanto, sem grandes elevações ou quedas. Destaca-se que atualmente 56% do endividamento dos clubes são com o governo e já foram renegociados pelos clubes seja via PROFUT ou por meio de outros programas de refinanciamentos. Outros 25% são dívidas com bancos e instituições financeiras e 19% são débitos operacionais com fornecedores, outros clubes e funcionários.

O fato é que parece evidente que nos anos em que houve recuo das receitas cresceram os déficits e o endividamento, quando algo fora da rotina operacional ocorre, como em 2012, 2015 e 2016, os clubes não alteram o seu padrão de gasto, mas conseguem no geral obter superávit e diminuir as dívidas bancárias e operacionais. Nos anos "normais", como 2013, 2014 e 2017, o cenário é de endividamento e déficits, com sinalização em 2017 de uma possível reversão desse aspecto, porém, que precisa ser verificado nos próximos anos.

A tabela 3 apresenta o cenário do endividamento no período de 2012 a 2017. Entre os 12 maiores clubes do país em receita, 11 ampliaram suas dívidas, a exceção é o Flamengo que reduziu em 54,9%. Nos últimos dois anos o clube foi acompanhado pelo São Paulo e Grêmio. Em 2017 foram 5 que conseguiram diminuir os débitos em relação a 2016.

Tabela 3: Endividamento dos clubes com as maiores receitas do Brasil.

Clubes	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Varição (2012-2017) em %
Flamengo	741,7	759,4	697,8	579,3	435,9	334,6	-54,9%
São Paulo	261,3	250,6	340,9	359,4	335,2	295,3	13,1%
Corinthians	177,1	193,7	382,1	452,6	425,8	448,4	253%
Palmeiras	324,5	311,8	332,7	409,7	394,7	461,9	14,2%
Cruzeiro	143,0	199,9	252,9	289,9	363,1	313,5	118%
Grêmio	187,2	276,0	382,1	423,7	397,3	392,5	109%
Atlético MG	414,5	438,4	491,3	496,5	518,7	538,1	29%
Inter	215,4	229,3	340,5	282,3	660,5	700,5	325%
Santos	296,7	296,7	373,2	409,9	356,5	360,7	21,6%
Vasco	430,0	518,4	596,5	467,5	456,8	505,9	17,6%
Fluminense	422,7	422,7	439,5	461,9	501,9	560,6	33,4%
Botafogo	661,5	698,1	845,1	730,5	750,7	719,1	8,7%

Fonte: <https://www.bdo.com.br/pt-br/bdo-brazil> e <https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/vendas-de-jogadores-impulsionam-e-receitas-de-clubes-atingem-valor-recorde.ghtml>. Elaboração dos autores (2019).

Se por um lado o Flamengo é aquele que aumentou as receitas, obteve superávits e ao longo dos anos diminuiu as dívidas, o cenário é o oposto para o Botafogo e para o Inter. Para o primeiro a situação sempre foi ruim e piorou nos últimos anos com o crescimento das dívidas. Já o Inter ampliou os débitos, sobretudo, em 2016, devido à queda na venda de jogadores, aumento dos empréstimos bancários e as dívidas com a reforma do Beira Rio. Sem dúvida, a principal justificativa para o salto da dívida do Inter em 2016 é devido a inclusão de cerca de R\$ 330 milhões de débitos com a empresa AG que reformou o estádio do clube. O pagamento é feito na forma de sessão desse equipamento esportivo, não tendo desembolso financeiro.

Registra-se que no geral a situação dos clubes não é pior porque o Governo Federal perdoou em 2015 quase R\$ 600 milhões, entre juros e multas com o PROFUT. Os maiores beneficiados foram Botafogo (R\$ 146 milhões), Vasco (R\$113,5 milhões) e Flamengo (R\$ 91 milhões), Fluminense (R\$ 59 milhões) e Inter (R\$ 47 milhões)²¹.

Alguns clubes vivem situação delicada, pois, as dívidas chegam ao dobro do que eles arrecadam em um ano. Isso com Botafogo e Inter, por outro lado, o endividamento do Flamengo, São Paulo e Cruzeiro é menor do que a receita que eles conseguem em um ano.

O fato concreto é que a administração financeira dos clubes de futebol tende ao desequilíbrio mesmo com ações pontuais de gestores da modalidade e do Estado buscando o equilíbrio. Isso ocorre fundamentalmente pela necessidade de obtenção de melhores resultados esportivos e, conseqüentemente, a busca pela satisfação aos torcedores. Além disso, cabe citar as diversas ações adotadas pelos dirigentes que se caracterizam como gestão temerária – gastos elevados em relação a receita, endividamento, apropriação do patrimônio e de recursos públicos etc., conforme previsto no PROFUT (BRASIL, 2015).

No tópico seguinte continuamos com essa discussão dando ênfase a questão da estrutura de poder dos clubes no que se refere à limitação e alternância de mandatos, a transparência, a autonomia do conselho fiscal e a participação dos sócios nas decisões dos dirigentes.

3.4 A gestão dos clubes de futebol do Brasil

O PROFUT estabeleceu em 2015 limite de tempo para permanência de dirigentes no poder, transparência na gestão, autonomia do conselho fiscal e maior participação dos sócios nas decisões dos clubes de futebol do Brasil.

²¹ Informação disponível em: <https://rodrigomattos.blogosfera.uol.com.br/2016/05/03/governo-perdoa-r-579-milhoes-em-dividas-de-clubes-grandes-veja-lista/>. Acesso em: 14 jul. 2018.

Quanto ao primeiro aspecto, cabe sinalizar que diferentemente do que ocorre com as federações, nos clubes desde o final dos anos 1990 não se observa mais dirigentes ocupando o cargo de presidente por décadas.

Nos estatutos dos clubes o limite de tempo no mandato de presidente varia entre 2 a 4 anos, sendo que a maioria segue o intermediário de 3 anos. Porém, se por um lado observa-se alternância de poder, inclusive com a oposição conquistando a direção dos clubes, algo que ocorreu recentemente com o Santos e o Vasco, por exemplo, por outro lado a participação dos sócios, seja na escolha do mandatário ou mesmo na tomada de decisões é limitada na maioria dos clubes.

Registra-se que predomina entre os clubes os processos indiretos de escolha do presidente e de tomada de decisões. Isso significa que os sócios elegem os representantes para o conselho deliberativo e este grupo escolhe o presidente e o vice. Em alguns casos o poder de participação dos sócios é ainda mais limitado, pois, como acontece no São Paulo 2/3 dos conselheiros são vitalícios e apenas 1/3 são escolhidos a cada 6 anos pelos sócios.

Na minoria dos clubes adota-se a assembleia geral dos sócios como mecanismo de escolha do presidente e vice, isso ocorreu nas últimas duas eleições no Palmeiras e também já acontece há alguns anos no Flamengo, Corinthians, Grêmio e o Inter, por exemplo. A escolha direta pelos sócios amplia o colégio eleitoral, democratiza as escolhas para a ocupação dos cargos e também para a tomada de decisão.

Outro modelo de regime nos clubes é o que acontece no Santos, por exemplo, em que a escolha dos dirigentes é feita por meio da assembleia dos sócios ao eleger um presidente e um vice para um Comitê Gestor formado por mais 7 membros escolhidos pelo presidente. Esse grupo de 9 pessoas é que administra o clube e comanda todas as ações. Não é um regime presidencialista, em que o presidente possui autonomia diante do Conselho Deliberativo, mas de um colegiado.

O processo direto de consulta aos sócios ainda é minoria entre os clubes, a escolha indireta feita por um seleto grupo é o que possui a hegemonia no interior dessas entidades. Mas seja qual for o tipo de regime observa-se com muita força fenômenos como clientelismo e patrimonialismo, característicos da pequena política brasileira²².

Na maioria dos clubes brasileiros os dirigentes precisam fazer acordos para chegar ao poder e administrar, além disso, a meta clara é a obtenção resultado esportivo, pois, é isso que satisfaz

²² O trecho está disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/papel-dos-presidentes-de-clubes-na-governanca-do-futebol/>. Acesso em: 16 jul. 2018.

os sócios e a torcida. O equilíbrio fiscal é visto como um bônus. Já em um clube empresa os dirigentes devem prestar contas apenas para os acionistas, sendo que a sua permanência depende diretamente da obtenção de títulos e também de lucro.

Reitera-se que aparentemente o problema de perpetuação do mesmo dirigente no poder não é um problema existente nos clubes, ainda que tenhamos diversos exemplos de que os mesmos grupos controlam a gestão dos clubes há alguns anos, porém, há espaço para a organização da oposição e de alternância de poder.

Portanto, o limite de mandato dos dirigentes previstos no PROFUT já é uma realidade nos clubes, porém, outro problema que a legislação não deu conta é sobre a ampliação da participação dos sócios e demais envolvidos com o futebol, especialmente atletas e torcedores, na tomada de decisão dos clubes. A restrição aos sócios e pior, o domínio do modelo indireto nas administrações, com práticas clientelistas, patrimonialistas assentadas na pequena política impendem a democratização dos clubes.

As assembleias com os sócios ocorrem apenas a cada 2, 3 anos. Além da pouca periodicidade, se limita, na maioria das vezes, em apenas escolher parte dos membros do conselho deliberativo dos clubes. Quando ocorrem para a escolha dos dirigentes ou para discutir outra pauta observa-se a presença de práticas presentes na nossa democracia formal como compra de votos, manipulação da relação de votantes e de resultado dos pleitos (MATIAS, 2018).

Portanto, é fundamental aos clubes como ao Estado atenção no processo decisório, com a perspectiva de ampliação da participação, inclusive com espaços formais de discussão com atletas e torcedores, pois, a vida do clube pulsa a partir deles.

No que se refere ao Conselho Fiscal registra-se que todos os clubes são obrigados a ter no seu interior pessoas responsáveis pelo acompanhamento (de forma autônoma) das finanças, porém, é difícil isso de fato materializar tendo em vista que os membros do conselho fiscal são escolhidos e nomeados pelo dirigente da agremiação.

Ainda que a legislação avance nesse sentido é preciso que esse Conselho não seja nomeado pelo presidente, mas escolhido a partir de critérios técnicos, pelo conjunto dos sócios durante a definição do corpo diretivo dos clubes. Além disso, que não exerça apenas a função de fiscalização, mas que tenha poderes de decisão (RIBEIRO, 2012).

No que tange à transparência das informações utilizamos dois aspectos citados por Martins e Reis (2017) e Ribeiro (2012) ao analisar as confederações esportivas do Brasil. Ou seja, a disponibilidade do Estatuto e das demonstrações financeiras nos sítios eletrônicos dos clubes.

Obviamente, conforme o alerta dos autores, isso por si só não significa boa prática de gestão, afinal, ter os documentos disponíveis ao público não significa retidão por parte dos dirigentes e nem que sejam claros e objetivos. Mas é indiscutível que isso é uma ação positiva, afinal, está possibilitando aos interessados o acesso àquilo que rege o clube e uma noção sobre a saúde financeira da entidade. Ressalta-se que o PROFUT também exige dos clubes a publicização de relatórios de auditores independentes.

Nesse sentido, 2/3 daqueles 27 clubes que analisamos as finanças disponibilizam nos sites oficiais as demonstrações financeiras, porém, nove deles (Atlético MG, Coritiba, Chapecoense, Grêmio, Figueirense, Joinville, Náutico, Santa Cruz e Vasco) não ofertam nenhuma informação sobre as receitas, despesas e dívidas²³.

Enquanto alguns clubes investem na construção de plataforma de transparência como o Inter outros não apresentam nenhuma informação sobre o seu funcionamento, como a Chapecoense e o Figueirense. Aliás, este que possui 95% de suas ações com um holding de investimento não tem nenhum mecanismo público de acesso à informação.

Registra-se que entre o 1/3 que não coloca para o público os relatórios de suas finanças estão equipes menores, com pouca receita, mas há também grandes clubes com arrecadação elevada que possuem corpo técnico, mas simplesmente negligenciam as informações e contrariam o disposto no ordenamento legal.

De forma complementar a isso também estão ausentes os estatutos nos sítios eletrônicos de oito clubes (Bahia, Coritiba, Chapecoense, Goiás, Grêmio, Fluminense, Joinville e Náutico). Ou seja, o documento básico que rege a vida de qualquer entidade esportiva não está disponível ao acesso público na rede mundial de computadores, justamente no principal mecanismo de comunicação e informação dos clubes.

A publicidade das informações, dos documentos que sustentam o funcionamento do público é princípio básico para qualquer modelo de gestão que preze por transparência e participação e, consequentemente, pela ampliação dos processos decisórios (democracia), inclusive com a organização dos sócios e demais envolvidos em discussões sobre o futuro da agremiação, com a tomada de decisão e assunção de responsabilidades.

5. Conclusões

Os estudos acadêmicos sobre os clubes brasileiros de futebol são escassos, especialmente no que se refere aos aspectos organizacionais, financeiros e políticos. De todo modo, a discussão

²³ Os dados foram coletados em junho de 2018.

realizada neste estudo possibilitou compreender que alguns aspectos que ocorrem nas grandes ligas também são vistos no Brasil, como o crescimento das receitas, ano após ano, entretanto, com concentração nos grandes clubes, o que reverbera em concentração dos principais atletas e títulos (MATIAS, 2018).

No caso brasileiro as receitas são oriundas especialmente da comercialização dos direitos de televisão, especialmente com a rede globo que já controla o setor há várias décadas. Essa dependência dos clubes está diretamente relacionada com a dificuldade das equipes de estabelecer parcerias com o setor empresarial.

O cenário de 2012 a 2017 dos principais clubes do país é também de raros momentos de superávits, com gastos concentrados no departamento de futebol (quase 70%), sendo os melhores resultados nos anos mais recentes e concentrado em alguns clubes e de forte endividamento, inclusive com aumento nos débitos, mesmo com a vigência da Timemania, PROFUT e outros ordenamentos de refinanciamento das dívidas.

A escolha da direção da maioria dos clubes é realizada por mecanismos indiretos, afastando os sócios da plena escolha. Ainda assim, nota-se alternância de poder, nem que seja das mesmas figuras, e de oposições.

Outro aspecto que chama a atenção, porém de forma negativa, é que um terço das equipes não disponibiliza os balanços financeiros nos sítios eletrônicos das entidades e 8 dos 27 clubes analisados não publiciza os estatutos. A ausência de transparência dificulta a participação e o controle das ações por parte dos sócios na vida do clube.

Por fim, vale mencionar que diante dos poucos estudos sobre os clubes brasileiros é imperioso que seja realizado nos estudos, inclusive comparando com a realidade das equipes da América Latina e da Europa.

Referências

- Andrade, Diego César Terra De; Ramos, Heidy Rodrigues. (2015). Futebol Paixão ou Negócios? Uma Análise da Produção Científica Mundial. *PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review*, 4(3), 169-184.
- Brasil. (2015) Lei nº 13.155 de 04 de agosto de 2015. In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13155.htm. Acesso em: 15 jun. 2018.
- _____. (2014) Lei nº 12.395 de março de 2011. In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12395.htm. Acesso em: 15 jun. 2018.
- Boschetti, I. (2009). Avaliação de políticas, programas e projetos sociais. CFESS; ABEPSS.(Org.). Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais. 1ed. Brasília: CFESS, 1, 575-592.
- Martins, M. Z., & dos Reis, H. H. B. (2017) Poder, transparência e democracia nas gestões esportivas. In: VELASCO, Adriana et all. Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil: Movimento é vida-atividades físicas e esportivas para todas as pessoas. Brasília: PNUD, 2017.
- Matias, Wagner Barbosa Matias. (2018) Economia política do futebol e o "lugar" do Brasil no mercado-mundo da bola. Brasília, 2018. 205f. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, UnB, 2018.
- Ribeiro, Marco Aurélio de Sá. (2012) Modelos de governança e organizações esportivas: uma análise das federações e confederações esportivas brasileiras. Tese (Doutorado em Administração Pública), FGV, Rio de Janeiro: 2012.
- Senado Federal. (2017). Relatório final-CPI do Futebol. Brasília: Senador Federal. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/82013>. Acesso em: 20/11/2018.
- Nicácio, L. G., Silva, S. R., Campos, P. A. F., & Melo, M. D. A. (2009). Levantamento da produção sobre o Futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG, 2009.
- Silva, Dirceu Santos. (2013) A gestão da lei Timemania e os principais resultados do marketing esportivo. In: XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2013, Brasília. Anais...Brasília: CONBRACE.

Recebido em: 08/11/2019

Aceito em: 01/12/2019

Endereço para correspondência:

Wagner Matias

wagner.matias@outlook.com



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Attribution 3.0